

ANO XXX Nº 3 MARÇO de 2013

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Foclares

*Time-out
pela paz*

**Com os
refugiados
de Goma**

**Foclarinas
e focolarinos**

Para saciar
a sede de
comunhão

**Novas
gerações**

Trabalhar em
«equipa» com
todos na Obra

O amor a Jesus no irmão

Caríssimos

"Nós temos uma vida íntima e uma vida exterior. Uma e outra são floração; uma, da outra é raiz; uma, da outra é copa da árvore da nossa vida.

A vida íntima é alimentada pela vida exterior. Na medida em que penetro na alma do irmão, assim penetro em Deus dentro de mim. Na medida em que penetro em Deus dentro de mim, assim entro no irmão...

Deus - eu - o irmão: é todo um mundo, todo um reino..."

Mas vamos por ordem, procurando compreender bem.

"Nós temos uma vida íntima (Jesus dentro de nós) e uma exterior (Jesus no irmão). Uma é floração da outra, uma é raiz da outra".

A vida íntima faz com que a vida exterior floresça. A vida exterior (com Jesus no irmão) faz florescer a vida íntima.

Por que comparamos a vida íntima com Jesus a uma floração ou a uma copa?

A vida íntima não significa só união com Deus e nada mais? Sim, mas essa união tem várias intensidades. Todos nós sabemos disso, porque todas as pessoas têm e experimentam, muito ou pouco, a união pessoal com Deus.

Mas quando é que podemos definir essa vida íntima como floração ou copa, portanto como algo rico e consistente? Quando ela estiver completamente desenvolvida, no seu máximo esplendor. Vamos dar alguns exemplos.

Se observarmos as pessoas do

Movimento, principalmente algumas que já estão no Céu, ou outras que ainda são militantes na Terra, mas que, ao que parece, corresponderam bem à

graça do nosso Ideal, podemos constatar que elas definem muitas vezes a própria vida interior como uma grande paz, uma paz substancial, uma paz tão concreta, tão densa que - permitam-me dizer - se poderia quase "tocar". Uma paz estável e capaz de predominar sempre, de despontar de cada sofrimento, por maior e mais agudo que seja.

(...) Mas não se trata só de paz. A floração completa, a copa da árvore da nossa vida íntima tem outras características. Por exemplo: a união com Deus é tão grande que podemos senti-la em cada instante da nossa vida.

Quando nos recolhemos, em busca de Deus, na oração ou durante o dia, Jesus está sempre presente. Nós experimentamos isso com os sentidos da alma. Ele está ali à nossa espera, para escutar o que lhe dizemos e para nos dizer (se soubermos compreender a sua linguagem silenciosa) tudo o que Ele nos quer comunicar.

Esta perene presença de Jesus dentro de nós é um fenómeno, mas pode ser uma realidade. Assim como é real, mesmo se de forma diferente, a nossa união com o



Rocca di Papa, 23 de maio de 1996

Pai, com o Espírito Santo e - já não velada - também a nossa união com Maria, com os Santos e com os irmãos.

Portanto, paz e união com Deus, contínua e plena: dois modos de ser da floração e da copa da nossa vida íntima, mesmo se não são as únicas expressões.

Como podemos alcançá-las? O escrito diz que a vida íntima floresce em nós, torna-se copa, a partir de uma raiz: o amor ao irmão, a Jesus nos irmãos.

"A vida íntima é alimentada pela vida exterior. Na medida que penetro na alma do irmão, assim penetro em Deus den-

tro de mim." Podemos, portanto chegar a uma grande paz, a uma grande união com Deus, amando os irmãos, amando Jesus nos irmãos.

Quantas vezes? Muitas, inúmeras vezes. Talvez seja preciso a vida inteira. [...]

Chiara

Do Pensamento espiritual da Conferência telefónica de 23 de maio de 1996 «*Sós com Ele só*». Como primeiro passo, o amor a Jesus no irmão, publicado em *Santità di popolo*, Città Nuova, Roma 2001. Pensamento proposto na Conferência telefónica de 12 de janeiro de 2013

Amar a Igreja do outro como a própria

No último número de *Nuova Umanità* foi publicado um importante estudo sobre a experiência e a metodologia ecuménica do bispo Klaus Hemmerle amadurecidas no relacionamento com Chiara Lubich, que hoje podem ser uma dádiva para a Igreja e para o seu empenho ecuménico 50 anos depois do Concílio Vaticano II.

Da introdução: «À luz do carisma da unidade, Hemmerle amadurece como teólogo e como bispo, com uma profunda sensibilidade ecuménica que dá origem não só a eventos e a encontros particularmente significativos, mas também a um pensamento totalmente novo e a uma metodologia no campo ecuménico que têm como raiz os pontos fundamentais da espiritualidade de Chiara Lubich: a Palavra, Jesus no meio, a Unidade, Jesus abandonado, Maria.

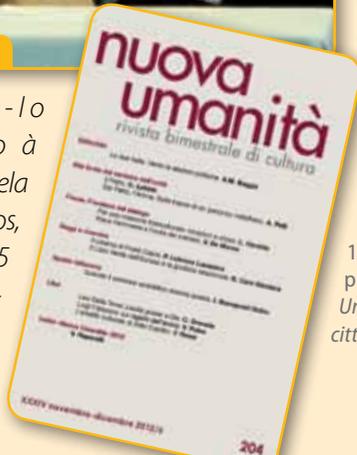
Este estudo pretende salientar estes pontos, que devem ser lidos tendo como referência o estilo ecuménico específico de Hemmerle, o seu pensamento, e a experiência pioneira dos encontros ecuménicos dos bispos amigos do Movimento dos Focolares, onde os bispos das diferentes Igrejas fazem o pacto do amor recíproco prometendo "amar a Igreja do outro como a própria"».

1 Viviana De Marco, «Amar a Igreja do outro como a própria. Klaus Hemmerle e dos cristãos» em *Nuova Umanità* XXXIV (2012/6) 204. <http://nuovaumanita.cittanuova.it/contenutoNU.php?idContenuto=333583>



O bispo Klaus Hemmerle com Chiara

Destacamo-lo também em alusão à Semana de oração pela unidade dos cristãos, celebrada de 18 a 25 de janeiro no hemisfério norte.



Aprofundamento

A virgindade é atual?

Dos apontamentos de Pino Quartana de fevereiro do ano passado, uma reflexão de Igino Giordani ao longo da história do cristianismo

Ao longo da história do cristianismo o estado virginal foi sinónimo de doação total a Deus e produziu grande riqueza de santidade, dando origem a um sólido fundamento para a vida da Igreja, tendo em conta os momentos difíceis que estava a viver, e suscitando vastos Movimentos de renovação radical da cristandade.

Naturalmente houve defensores convictos, principalmente nos primeiros tempos e sobretudo entre os Padres: podemos pensar em santo Ambrósio e no seu *De Virginitate* ou nas numerosas intervenções de santo Agostinho e, em particular, a sua obra sobre *A santa Virgindade*.

Mas, com o advento da modernidade – e também antes, para dizer a verdade – ela recebeu críticas e contestações.

Atualmente, a virgindade é considerada uma coisa antiquada, de um catolicismo retrógrado e fora do mundo.

Até mesmo em alguns ambientes da Igreja, parece não encontrar o fascínio de outros tempos.

Na época de Giordani o conceito de virgindade já estava em crise e, ao menos no que se refere à Itália, pode-se dizer que era considerado um valor que deveria ser conservado, sobretudo pela mulher, em vista do casamento.

E mesmo na Igreja começavam a surgir dúvidas, que permanecem até hoje, sobre o valor do celibato sacerdotal.



Tudo isto é o resultado de um progressivo processo de afastamento da compreensão do significado profundo e originário da virgindade.

Foco que, no seu livro *Messaggio sociale del Cristianesimo (Mensagem social do cristianismo)*, dedicou páginas e páginas à evolução na história deste precioso património da Igreja e da sociedade, está entre aqueles que, no nosso tempo, mais trabalharam para valorizar a virgindade:

«Felizes vocês, virgens, que respiram a graça divina, tal como os jardins respiram perfume; os templos, a religião; os altares, o sacerdócio»¹ escreve Foco, citando as palavras de santo Ambrósio.

Foco vê na virgindade um sustentáculo insubstituível para toda a realidade eclesial, mas também uma ação benéfica para a sociedade.

Escreve: **«A virgindade, na ordem so-**

cial, é como um filtro que depura o humano e o direciona para a transformação divina: faz uma mediação moral e espiritual que mais se aproxima àquele Cristo, cujo estado de vida representa uma libertação do mundo mas que, de Deus, recebe um benefício diário, transparente e invisível como o ar dos picos alpinos, atravessados pelo sol e filtrados pelas estrelas, que desce até a planície para vivificar as cidades abaladas por miasmas»².

É compreensível que Foco, desde sempre convencido do valor eminentemente social da religião, preferisse santa Catarina, entre as muitas virgens que conhecia e das quais tinha escrito a história: *«Eu tinha uma grande admiração por santa Catarina, porque, jovem como era, tinha suscitado uma convivência chamada: "a alegre brigada"»*.

Era uma convivência de jovens, velhos, ricos, pobres, donas de casa, estadistas, militares, funcionários de toda a espécie: estavam todos juntos e tinham encontrado nela a Igreja, voltavam a viver como Igreja»³.

Quando Foco encontra Chiara, ele faz uma nova leitura da sua experiência espiritual com o olhar iluminado pela vida de Catarina de Sena:

«Desde jovem eu tinha ficado impressionado com a vida de santa Catarina e pensava: tinham muita sorte aqueles jovens que tiveram uma mestra daquele género, uma mãe daquele género.

Num certo sentido eu tinha uma espécie de inveja. Como gostaria de ter nascido naquela época! Por isso, quando encontrei Chiara, estava preparado, estava ávido desta comunhão com a virgindade da Igreja, com a virgindade consagrada: porquê? Porque ali eu via a reli-

gião no estado puro, no estado mais elevado»⁴.

E se Foco não tinha podido fazer parte da «alegre brigada» de santa Catarina podia agora fazer parte desta nova família nascida de uma outra virgem, na Igreja.

Sabemos que a entrada de Foco no focolar aconteceu num dia de 1953, quando Chiara, impressionada pela sua profunda e humilde admiração diante da consagração virginal de alguns dos primeiros focolarinos e focolarinas, disse-lhe que se ele fosse *«só amor»* ele seria *«virginizado»*; ele também poderia, portanto *«entregar no altar esta consagração a Jesus Abandonado, para ser o Amor»⁵* e assim entregar-se completamente a Deus, em comunhão com os virgens.

O verdadeiro conteúdo da virgindade é este: a convivência com Deus, que ele tinha admirado em Catarina e em muitos outros santos e que agora tinha reencontrado neste nosso tempo, naquela jovem.

Virgindade espiritual que, de certo modo, ele tinha experimentado em 1949, quando, precisamente por causa da sua pureza, tinha podido fazer com

MARIÁPOLIS

também está online!

www.focolare.org/notiziariomariapoli

id e password atual: *notiziariomariapoli*

Destacamos entre os últimos insertos o Especial sobre a viagem da Emmaus e do Giancarlo à Ásia e à Oceânia, e outras notícias interessantes para acompanhar a vida do Movimento no mundo.



Chiara, sobre o seu nada, aquele pacto que deu origem à experiência mística do «Paraíso».

Foi recebido por ela, devido à sua total escolha de Jesus Abandonado, na parte mais íntima da sua Obra, o focolar, e poderá participar espiritualmente, mas realmente, desta virgindade, abrindo o caminho a muitos outros chamados a viverem a mesma experiência, experiência mística, absolutamente nova na Igreja.

De facto, ele pode dizer: **«Para nós, casados, estarmos unidos numa família espiritual com virgens e sacerdotes faz-nos estar mais intimamente ligados a Jesus e a Maria, nosso Ideal, porque nos faz participar da virgindade e do sacerdócio... e, também a nós, é dado o privilégio de nos virginizarmos, através da caridade»**⁶.

Por este privilégio oferecido aos focolarinos casados, Foco conservou sempre a humildade e a admiração reconhecida diante da vocação dos focolarinos virgens:

«Cada um deles passa como um ostensó-

rio que oferece Jesus Eucaristia»⁷. E ainda: **«As virgens e os virgens são as flores nos jardins da Igreja»**⁸.

É significativa uma carta que Foco escreve a Chiara, depois do seu histórico discurso de fundação do Movimento Famílias Novas, confiado por ela aos focolarinos casados⁹: **«Agora sim, a nossa função na Obra, a nossa autenticidade de focolarinos como os outros, surge na sua beleza e na sua responsabilidade.**

As tuas palavras são como uma mensagem para nós, para o mundo: elas atribuem aos esposos consagrados uma missão explosiva, de transformação do mundo, dando ao casamento o valor originário de gerador de vida, pelo sacramento, tanto de corpos como de almas, o valor de um instrumento de produção da Igreja – da parte humana – o mais adequado para dar uma alma à sociedade, para ligar de novo o mundo à Igreja»¹⁰.

1. Giordani, *Laicato e sacerdozio*, Roma, 1964, pg.164 2
2. Giordani, «Matrimonio e verginità», in: *Il Popolo nuovo di Torino*, 15.5.1954 3
3. Giordani, *Ai focolarini esterni europei*, 25.1.1967 4
4. Giordani, *La verginità*, al Raduno dei responsabili di focolare, Rocca di Papa, 21.5.1976
5. Chiara Lubich, «Igino Giordani il fondatore», in: *Nuova Umanità*, 1955/1. n.97 6
6. Giordani, *Ai membri dell'Opera*, Natale 1954 7
7. Giordani, *Diario di Fuoco*, 4.12.1976 8
8. Ivi, 14.1.1977 9
9. Chiara Lubich, *Ai focolarini sposati*, Rocca di Papa, 19.7.1967 10
10. Giordani, *Lettera a Chiara*, Centro Mariapoli, 20.7.1967



Pontos quentes

O nosso desejo de paz

Novo lançamento do *Time out*: às 12 de cada fuso horário pedimos a Deus que cessem todos os tipos de conflito

«Eu tenho um desejo - mas talvez vocês também o tenham -: um desejo de paz no mundo! A Virgo e o Pascal [...], escreveram-me sobre a situação que estão a viver na Síria.

Seria necessário - dizem - uma oração forte, potente, de toda a Obra, com uma fé renovada de que Deus o pode realizar. Com esta certeza que Deus pode fazê-lo, devemos pedir em unidade e com a consciência que se se pedir em unidade, Deus atende, Deus responde àquele pedido feito em unidade.

E eu pensei: porque é que não lançamos de novo o *consenserint* ao meio-dia, o *Time out*? Jesus é chamado o “príncipe da paz”, que faça esta dádiva à humanidade: de um pouco de paz, aquela paz justa, aquela paz que permita a todos, de qualquer fé, de qualquer condição, de qualquer país, viver serenamente a vida como nós a estamos a viver também serenamente aqui, isto é, que partilhe esta dádiva da paz com todos os homens».

Emmaus às unidades arco-íris gen2, Castelgandolfo, 28. 12.2012

No passado dia 28 de dezembro, a Emmaus propôs aos gen e às gen um novo lançamento do *Time out* (ver quadro).

Pode-se recitar uma oração ou fazer um momento de silêncio, o importante é pedir com fé o dom da paz em todo o mundo.

O horário para todos é às 12h em todos os fusos, porque, como assinalou a Emmaus na Conferência telefónica de 12 de janeiro – «estamos conscientes de que os conflitos não existem só no Médio Oriente, mas em toda a parte no mundo, e sobretudo existem muitas sementes de conflito no coração de cada homem.

Saber que, em cada momento, em cada hora do dia, durante as 24 horas, se abraça o mundo com esta oração de paz que chega a todos os pontos da Terra e que pede ao Senhor para sanar todos os conflitos no coração dos homens, e todos os conflitos entre os povos, parece-me que pode ser mais eficaz».



E ligava este momento do *Time out* ao ano jubilar: «Porque um ano jubilar quer dizer um ano de reconciliação, por isso, se eu rezar pela paz, naquele mesmo momento no meu coração tenho que estar reconciliada com todos.

E se houver alguma coisa para pôr em ordem, ponho-a imediatamente para que a minha oração possa ser recebida no céu, com a oração de todos».

Operação Goma

A partir deste número queremos contar como vivem as pessoas do Movimento nos chamados «pontos quentes». Começamos por relatar aquilo que está a acontecer na parte leste da República Democrática do Congo



É uma guerra longa aquela que envolve uma parte do Congo, uma guerra iniciada em 1996 após uma ditadura de cerca de 40 anos. Os rebeldes – conforme os relatórios da ONU – desde o mês de abril passado até hoje provocaram uma crise que envolve a região inteira. O auge foi a tomada da cidade de Goma no passado dia 20 de novembro: fala-se de um milhão de refugiados, de violência de todos os tipos, sequestram-se crianças que depois são treinadas para se tornarem soldados, há saques, medo e fome. «Aquilo que dá apoio aos nossos – escrevem a Aga e o Paulo de Kinshasa – é a unidade, a realidade de família que sentem como nunca.

Depois da tomada de Goma, não se podia

pensar na partida dos rebeldes assim tão rapidamente, no entanto, retiram-se 11 dias depois, o que foi realmente um milagre. “No domingo, 2 de dezembro podia-se ver – conta Julie, uma focolarina casada – a cidade de Goma sorrir quando os rebeldes partiram”.

Há um grande alívio em todo o povo congolês mesmo se o problema ainda não terminou.

Agora os rebeldes estão a alguns quilómetros da cidade e ocupam alguns territórios do país na região de Kivu».

Esta experiência de sofrimento partilhado provocou uma cadeia de comunhão entre todos na Obra.

«Desde o mês de dezembro – continuam a Aga e o Paulo – recebemos muitos envelopes endereçados à “Operação Goma”, contendo dinheiro.

Com esta providência, a família-focolar, juntamente com os responsáveis dos Ramos e dos Movimentos de Goma, compraram arroz e feijão que dividiram por 114 pacotes, que depois foram entregues a quem precisava.

Eis algumas impressões: “Com este gesto experimentámos a vida dos primeiros cristãos que punham tudo em comum”, “É o momento de testemunhar a minha fidelidade a Jesus Abandonado e evangelizar com os atos concretos; recebi o meu pacote de feijões, no momento em que em casa só tinha um contentor de água”.

Continua a chegar a providência e dos envelopes abertos até agora já chegámos a 665 dólares: uma parte foi utilizada para ajudar os

Uma carta da Síria

De Aleppo, onde o «grito» pelo horror da guerra na Síria é cada vez mais forte, chegou esta carta do pe. Abdallah. Foi enviada no dia 24 de janeiro aos sacerdotes focolarinos para o retiro deles, no qual ele não pôde participar.

Aqui o povo vive uma situação dramática e sofre os efeitos diretos desta Guerra; a chamada primavera de liberdade. De modo especial a minha cidade milenária, Aleppo, tornou-se um campo de batalha. Falta tudo para se viver.

Na Síria, que é o celeiro do Médio Oriente falta até o pão ou encontra-se a preços exorbitantes. O mesmo acontece com a eletricidade, a água e o gásóleo e o aquecimento. A grande maioria da população está sem trabalho e, portanto, sem meios de sobrevivência, para não falar dos refugiados que vivem em condições terríveis. Todo este mundo que desmorona ao meu redor não fez senão levar-me à minha verdadeira identidade de sacerdote-focolarino e ao nascimento do Ideal, quando tudo desmoronava em Trento e só Deus permanecia.

Esta nova escolha de Deus dá-me a coragem de me lançar em cada dia nas Suas mãos e de acreditar no Amor, apesar da morte e do ódio que caminha pelas ruas. Por isso também me sinto sacerdote como Jesus, em primeira fila, a servir e dar

a vida pela minha gente que pede ajuda e procura a Esperança. Não é fácil ter esperança, mas sinto-me feliz por ter Jesus no meio com a comunidade e os Focolares – que recentemente voltaram para a cidade e para Damasco. É esta esperança que me dá a coragem para enfrentar todas as situações e as pessoas, vivendo o Ideal.

Foi o que aconteceu com o mufti, com o qual tive contacto epistolar ou com o pastor anglicano.

Quando vivo pelo «*Ut-omnes*» sinto que eu já não existo, porque vivo completamente para o irmão e sinto uma força que vem da Palavra que toma vida sobre a minha morte. As circunstâncias não mudaram, mas eu mudei.

O futuro é imprevisível e diante do sofrimento do povo e da minha comunidade cristã que se sente ameaçada - e de facto está - não vejo senão o rosto de Jesus que grita o abandono e quer ser amado. Eu quero fazer a minha parte e dá-me muita esperança e coragem o facto de saber que somos muitos a viver assim.

nossos (40 pessoas) necessitados e uma outra parte foi distribuída por sete paróquias e para a comunidade de Sake (a 27 km de Goma), que também foi muito atingida pela guerra.

Com a operação “arroz e feijão” foram ajudadas no total 173 famílias. Cada uma recebeu cinco quilos de feijão e dois de arroz.

Akili, de 13 anos, com um sorriso e um rosto brilhante de alegria deu o seu pacote de feijão e arroz à avó.

Segurando-a pela mão, disse-lhe: “Avó, vamos voltar para a casa. Recebemos aqui-

lo que andávamos à procura”.

E, a avó: “Estou realmente feliz, tenho comida para os meus netinhos. Esta vai ser a nossa refeição da festa de fim de ano.

Assim, conta Vital Muhindo, um voluntário: “Fiquei muito impressionado pela alegria com a qual as pessoas recebiam o pacote que lhes dávamos... a beleza de uma prenda não depende do conteúdo nem da quantidade, mas antes da grandeza e da alegria do coração da pessoa que dá.”.

Ao cuidado de Tiziana Nicastro

Todos sabemos, que este é um período em que os congressos dos vários ramos do Movimento em Castel Gandolfo têm a sua maior concentração.

A **riqueza de vida** que de todo mundo converge para o Centro e que daqui volta a partir, confirma, se necessário, aquela chamada de atenção que a Emmaus fez num dos encontros de focolarinos e focolarinas, à ligação especial entre a dimensão universal do Carisma e o Centro da Obra.

Neste número dedicamos várias páginas a tudo quanto aconteceu no âmbito dos diversos encontros, na ótica daquele «**ir em frente juntos**» que é uma constante comum a todos, como a própria Emmaus sublinhou em cada uma das suas intervenções.

Focolarinos e focolarinas Para saciar a sede de comunhão



Este ano, chegaram «preparados» os 3375 focolarinos e focolarinas que participaram nos quatro retiros anuais que se realizaram no Centro Mariápolis de Castelgandolfo, de novembro de 2012 a janeiro de 2013. Preparados por um intenso trabalho de reflexão feito nas zonas, nos focolares, que os fez interrogarem-se profundamente sobre a sua identidade e o seu papel na Obra hoje.

E portanto, os retiros foram uma etapa, importante e muito esperada, de um percurso que está ainda em curso.

A generosidade de algumas zonas europeias, que fizeram o retiro localmente, deu a possibilidade de virem ao Centro algumas zonas de outros Continentes (Brasil,

Ver com olhos novos o focolar, a Obra e a humanidade; interioridade e dinâmica em direcção ao «Ut omnes». Retiros especiais para mais de três mil participantes.

Nigéria, Congo, Madagascar, Los Angeles, Canadá), marcando assim os encontros com um toque de internacionalidade.

Vieram focolares completos, focolarinas e focolarinos de vida comum e casados, que fizeram uma profunda experiência de comunhão.

«A reflexão sobre a própria identidade e o significado da própria vocação na Obra



hoje, feita pelos focolarinos e focolarinas durante todo o ano - comentaram Hans e Serenella, delegados cen-

trais – continuou com a mesma profundidade e liberdade durante os retiros.

Verificou-se claramente que se está a viver um momento novo na interioridade e dinâmica em direcção ao “*Ut omnes*”.

Respirava-se um clima de plena confiança recíproca, de olhos novos para ver a humanidade que os circunda.

É isto que focolarinos e focolarinas podem oferecer hoje à Obra, com um serviço cada vez mais atento a todas as realidades».

Comentários de alguns dos participantes.

Um focolarino brasileiro: «consagramo-nos a Deus no mundo, e estar “no mundo” tem sentido se a vida de comunhão que se constrói no focolar for levada à humanidade, indo ao seu encontro para falar de um Deus-comunhão, experiência possível já aqui na Terra.

E porquê tudo isto? Porquê a nossa virgindade? Porquê a nossa consagração a Deus? Para levar a humanidade a fazer esta experiência, ajudá-la a viver em comunhão de amor».

Um focolarino italiano: «Posso dizer que iniciámos o ano jubilar, o ano da confiança e do perdão recíproco, o ano em que o irmão está no centro da minha-nossa vida e da minha-nossa vocação ao focolar.

Mas tudo isto tem repercussões sobre a comunidade: de facto, a comunidade

está mais viva, está mais bonita. Se existir o amor entre nós, no focolar, todo este positivo tem repercussões à nossa volta e todos beneficiamos com isso».

Uma focolarina suíça: «As palavras da Emmaus foram estupendas e inspiradas. Parecia-me que Jesus se dirigia a mim pessoalmente: tenacidade para não desistir e continuar firme na construção de Jesus no meio no focolar, antes de tudo, mas também no trabalho, no mundo, onde Deus me põe».

Uma focolarina italiana: «Percebi que o meu amor ao irmão não pode ser feito só de promessas: sinto que a misericórdia dada e recebida me prepara para «subsanciar» a vida trinitária no focolar e em cada um dos aspetos da Obra».

A Emmaus esteve presente — quer para uma saudação quer para um momento mais longo de diálogo com a sala — nos quatro encontros, dando conselhos importantes, a começar pela intenção para o momento da consagração a Deus, que em todos os encontros se concretizou na Missa dos votos.

«Para que os nossos votos sejam um verdadeiro “sim” ao Amor, a Jesus Abandonado, o superamor. E sustentem e substanciem um profundo renascimento da vida trinitária nos focolares, única resposta à sede de comunicação no mundo».



Alguns excertos das suas intervenções.

Máxima intensidade dentro e máxima expansão fora.

«Nós dizemos sempre que a vida do focolarino deve ser uma vida com Jesus no meio para o "Ut omnes". Portanto máxima intensidade dentro, máxima expansão fora: Jesus no meio para o "Ut omnes". O mundo precisa de ver uma vida de comunhão. Não precisa de saber se há mais 40 consagrados ou 30, ou 25 ou 70. Não lhe interessa! Precisa é de ver gente que sabe viver uma vida de comunhão e que sabe como mostrar a possibilidade desta vida de comunhão fora».

O empenho da encarnação

«Estamos sempre a dizer que estamos no período da encarnação, e a encarnação é sempre algo mais limitado que a visão.

Isto quer dizer que nós, finalmente, todos juntos, assumimos a tarefa de encarnar as coisas que Chiara disse para toda a eternidade, desde sempre e para sempre. Somos nós que assumimos este compromisso.

E, num certo sentido (precisamente porque foi assumido por nós), se por um lado, conhecendo-nos, nos assusta porque temos consciência que assumimos um compromisso e que talvez amanhã vamos ser outra vez traidores. Por outro lado, estamos empenhados em primeira pessoa, portanto temos mais coragem para dizer: "Sou eu que quero! Não faço isto porque vi quanto era esplêndido quando Chiara o disse. Faço-o porque me empenho".

Parece-me, portanto, que é também uma coisa mais séria, uma coisa de filhos mais adultos».



«Deixa que... mas tu vem comigo»

«Gosto muito da canção que diz: "Deixa que... deixa que o homem acumule as suas riquezas, deixa que encontre a sua casa, deixa que...":

Vendo esta sala, pensava: Jesus está a olhar para cada um e está a dizer-lhe: "Mas tu vem e segue-Me!"

Em resposta a este amor de Jesus que-reis dizer-Lhe que não? Não! Não! Mas para que seja assim, e seja assim agora, seja assim daqui a dez anos, daqui a 100, todos os anos que Deus nos der, é preciso recordar que Jesus nos colocou diante de "um só Esposo", não dois, nem três, nem quatro, um: Jesus Abandonado».

Com a mesma tenacidade de Chiara

«Sabem qual é a palavra de que me lembrei esta manhã? Tenacidade.

Disse para comigo: lembrei-me talvez porque sou natural da Calábria! Tenacidade.

Depois quando ouvi a canção: 7 de dezembro... uma tempestade abate-se contra ti", pensei: foi necessária toda a tenacidade de Chiara para dizer: "Mas eu vou, apesar de tudo, mesmo assim, eu vou, eu vou mesmo!"».

Proteger o projeto de Deus sobre o focolar

«Parece-me que, nestes dias, nós vimos mesmo o projeto de Deus sobre o focolar.



Quando fizemos este momento do “pacto de misericórdia”, foi como renovar verdadeiramente a vida trinitária no focolar, portanto o projeto de Deus sobre o focolar, que é a presença de Jesus no meio.

Por isso, queria [...] desejar-vos aquela tenacidade que vos ajude a não desistir nunca, para que haja Jesus no meio no focolar, porque se houver, então...».

Procurar o irmão

«Chiara, no diário de 1998 na Argentina, escreveu:

*“Impressionou-me verificar que também os poetas como Francis Thompson confirmam o nosso Ideal. No seu livro *The hound of heaven* [...] escreveu: “Procurei a minha alma, mas não pude ver a minha alma. Procurei o meu Deus, mas não consegui agarrar o meu Deus. Procurei o meu irmão, e encontrei-os a todos os três”.*

Eu penso que, se nós vivermos assim, vamos encontrar a nossa alma que é a alma de Jesus no meio do focolar, e encontraremos Deus com o seu desígnio sobre a humanidade, com o “Ut omnes”.

Como os Magos, descobrir a presença de Jesus

«Partamos desta Epifania com esta fé: nós vamos encontrar o Rei dos reis em cada pessoa e vamos lá apresentando a prenda maior que é Jesus no meio de nós. Assim, levamos ao mundo esta dádiva, de que ele tanto precisa. Esta é a manifestação, esta é a Epifania, este é o Ano da Fé, esta é a Evangelização, este é o anúncio de que Deus veio à Terra, que Deus se fez igual a um de nós para que nós, com Ele, pudéssemos ser como Ele».

ao cuidado de Aurora Nicosia

Oferecer a Cultura

A experiência de Ambrose, o primeiro focolarino da Malásia

13.597. São estes os quilómetros que separam Bolonha de Johor, na Malásia.

Duas cidades que, pode-se dizer, não têm nada em comum e, pelo contrário não, não é assim. Em Bolonha vive, há cerca de dois anos, Ambrose Cheng, o primeiro focolarino da Malásia, que seguiu a viagem da Emmaus e Giancarlo através das redes sociais.

«Estávamos em 1988 – conta Ambrose – quando o pároco da minha cidade foi a Taiwan participar num encontro e, quando regressou, falou-nos do Movimento dos Focolares e de Chiara».

Passados poucos meses desde aquele primeiro encontro e, a convite desse sacerdote, vieram alguns focolarinos da Tailândia (naquela altura era o País mais próximo onde havia um focolar).

«Mas eu não estava na Malásia - continua Ambrose – porque trabalhava no estrangeiro e por isso não conheci, como a minha família, os focolarinos. Naquele período tinha amadurecido dentro de mim a exigência de dar-me a Deus.

Em 1992, quando voltei a casa, fui convidado para um encontro: éramos 40 jovens na paróquia da minha cidade, os focolarinos contaram-nos as suas experiências e, a seguir, convidaram-nos a participar na Mariápolis, que se realizaria dali



a duas semanas em Bangcoque». Inciou-se assim a aventura de Ambrose, uma aventura que o levou, pouco tempo depois, a juntar-se aos focolarinos em Singapura e assim conhecer melhor a espiritualidade da unidade de Chiara Lubich. Aí, como vivia próximo do focolar com outros gen, Ambrose experimentou o amor predileto de Deus, e percebeu que aquele desejo de se dar a Ele se podia realizar seguindo a estrada do focolar.

Dois anos depois foi a vez de Itália. Ambrose participou no Genfest de 1995 e depois foi para Loppiano.

Depois de ter estado 12 anos na zona de Hong Kong, agora está na Itália, no focolar de Bolonha: «Estou muito contente, experimento que, onde quer que esteja, aquilo que vale é ter Jesus no meio com os focolarinos com quem vivo e com todas as pessoas do Movimento.

Sinto-me muito rico com esta permanência em Itália porque é também uma ocasião para conhecer melhor a cultura oci-



Adrian e Teresa com os filhos

dental e, ao mesmo tempo, posso ser uma dádiva para os outros com o meu *background* cultural».

Na sua viagem à Indonésia e à Oceania, Emmaus e Giancarlo conheceram a Malásia e, a recebê-los, estava uma família-focolar: Adrian e Teresa (primos de Ambrose) com os filhos, todos gen.

O focolar fica longe de Johor, a cidade onde eles vivem. Por isso, esta família é o ponto de referência para a comunidade daquela zona.

Foi Ambrose que, em 1993, quando se encontrava internado no hospital, deu a conhecer o Ideal a Adrian.

20 anos depois, Deus continua a trabalhar.



A chegada a Singapura

O «especial» da viagem de Emmaus e Giancarlo à Indonésia e à Oceania pode ver-se em: www.focolare.org/notiziariomariapoli id e password: notiziariomariapoli

Unidades arco-íris gen 2

Trabalhar em «equipe»

350 gen e assistentes gen de toda a Europa, com representantes dos continentes fora da Europa vindos das escolas de Loppiano e Montet



Pudemos fazer-lhe as perguntas que mais nos preocupavam. Confirmou-nos que todos construímos a Obra juntos».

Horas importantes de trabalho foram a apresentação

do site gen2 – a novidade do ano – e do jornal GEN; a UPM gen2 com Alba Sgariglia, Jesús Morán, Maria Caterina Atzori, Raul Silva e a lição introdutória ao segundo ano, pelo P. Fabio Ciardi. O aprofundamento do «United World Project», que temos muito no coração, e de que se falará também nas *Mariápolis*.

No centro dos Congressos, à noite, o «frente a frente com Jesus», com a adoração a Jesus Eucaristia.

O momento mais profundo, conclusivo, foi a sexta lição de Chiara sobre o «Paraíso de 49». A Eli veio fazer a introdução, e recordou-nos que Chiara tinha a nossa idade quando tudo começou. Deixou-nos na alma uma grande responsabilidade, como escreveu um gen: «Foi espetacular.

Foram as palavras de Chiara que nos guiaram nestes dias de trabalho e aprofundamento da vida gen (de 27 a 30 de dezembro).

Chiara, com o tema sobre a «Caridade como ideal», focou-nos no amor ao irmão, tal como o viviam os primeiros cristãos.

No início do congresso, as gen receberam uma notícia inesperada: a passagem de responsabilidade da delegada central das gen2, Geppina Pisani, para Gabriella Zoncapè, que durante 25 anos foi responsável da escola gen2 de Loppiano.

A seguir, os Centros gen2 e a Secretaria dos Jovens para um Mundo Unido comunicaram a nova realidade que a Emmaus nos confiou depois da grande experiência feita para o Genfest, em todo o mundo: trabalhar em equipa, um novo passo na unidade.

Com muita alegria, no dia seguinte, tivemos com a Emmaus momentos fundamentais, de diálogo aberto.

«Senti de um modo muito forte – disse uma gen – esta relação de confiança.



Jesus no meio era quase visível. Levo para casa aquilo que Chiara nos recordava no vídeo sobre o Paraíso: somos chamados a fazer “assim na Terra como no Céu, assim na Terra como no Céu”. Eu quero realizar o firmamento já nesta Terra, com todos vocês.

As gen e os gen dos Centros gen2



«Ser juntos» a entrega

A Emmaus disse-nos: «Parece-me que a realidade nova que nasceu do Genfest, e que agora devemos testemunhar ao mundo, é mesmo este ‘sermos juntos’, juntos jovens e adultos, juntas as várias gerações, juntos os vários ramos, juntos a Obra.

Que descoberta! Mas Chiara o que é que fez, alguma coisa diferente? Chiara, quando começou, não fez uma coisa diferente, eram juntas.

Vocês sabem, nas primeiras Mariápolis nos Dolomites iam as mães, os pais, as crianças, os Bispos, os padres, todos juntos e viviam juntos a descoberta que estavam a fazer, isto é, este amor a Jesus no irmão, esta unidade, esta reciprocidade, este ser uns para os outros. E os grandes ocupavam-se dos pequenos, as crianças brincavam, os pais faziam as caminhadas, etc... Todos juntos, todos juntos!

Depois, o que é que aconteceu? Perdemos este “juntos”? Não o perdemos, distinguimo-nos, porquê? Para crescer, porque a um certo momento as crianças têm que ir para a escola e se não forem à escola, para ficarem sempre com os pais, não crescem. O pai tem que ir para

o trabalho, e se não for trabalhar para ficar sempre com a mãe e com os filhos, a família não progride. Isto é, cada um tem que fazer qualquer coisa para crescer, para perceber qual é o seu lugar neste “juntos”, e para amadurecer.

Durante todos estes anos fizemos assim. Agora é o momento, num certo sentido, de voltar ao “juntos”, mas de nos reencontrarmos já crescidos, de nos reencontrarmos para sermos uma dádiva para os outros, não para depender dos outros. Não como a criança que fica à espera que o pai volte para lhe saltar para as costas! Mas como a criança que diz: “O que é que eu posso fazer pelo meu pai, agora”? Portanto crescidos, crescidos. Este “juntos” agora torna-se uma ocasião para vivermos relacionamentos novos, relacionamentos de amor recíproco entre todos os ramos da Obra, não só entre os gen e os Jovens para um Mundo Unido, mas entre todos os ramos da Obra e para sermos dádiva uns para os outros, para sermos nesta reciprocidade uma dádiva, uns para os outros.

Alguém pode dizer: “Mas devemos salvar a nossa identidade!”.

Claro! E sabem como se salva a própria identidade? Pondo-a à disposição dos outros. Se a dermos aos outros salva-se, porque então os outros reconhecem que é uma identidade, isto é, que é qualquer coisa de novo que se oferece, e portanto se salva. Se, pelo contrário, disseres: “Não, para salvar a minha identidade é melhor que não vá com os outros; eu devo ser jovem, por isso não posso ir com os adultos; não posso fazer o encontro com a comunidade local onde estão todos juntos, eu sou um jovem portanto devo estar com os jovens, só com os jovens”.

Deste modo, em vez de salvarmos a nossa identidade, salvaríamos o nosso virarmo-nos para nós mesmos, e no fim acabamos por perder o relacionamento com o mundo unido - o mundo unido que quer dizer todos, que quer dizer “juntos”. Parece-me que este é um momento importante. Fizemos essa experiência com o Genfest!».

Unidades arco-íris gen3 Com o coração aberto a todos

De vários países do mundo, 250 adolescentes em Castel Gandolfo

21-23 dezembro. Todos os dias, um grupo de uma cidade ou nação apresenta-se e conta a experiência que vive. No primeiro dia aprofundamos a comunhão dos bens e a cultura do dar, com a ajuda de peritos e a colaboração da Amu. No segundo dia estivemos com a Vera Araújo (que desafiou os gen3 a amar com uma mente aberta). Apresentámos a todos os gen3 – também através da internet – o Projecto Estaleiro 2014 «Homem Mundo» (de que vamos falar nos próximos números e em www.focolare.org/notiziariomariapoli); no terceiro dia veio ter connosco a Eli Folonari (que contou da vida de Chiara e de como vivia o amor ao irmão), mas o Natal reservou-nos uma lindíssima surpresa: a chegada da Emmaus.

Saudação final da Emmaus

«[...] Vocês dizem que eu sou um presente de Natal para vocês, mas eu sinto que vocês é que são um presente de Natal para mim e para toda a Obra! [...] A presença dos primeiros focolarinos, das primeiras focolarinas e de todos os assistentes, focolarinos, pessoas do Centro etc., diz-nos quanto a Obra olha para esta criatura que é o ramo dos

gen3 e das gen3, com o Movimento Jovens para a Unidade, isto é, toda esta faixa de adolescentes que enfrentam este mundo assim como é: escuro, problemático, com tantas dificuldades [...]. Vocês conhecem-nas, porque talvez na vossa família existam dificuldades nos relacionamentos, ou económicos [...] e vocês são aqueles que, num certo sentido, mais sofrem, que mais se ressentem, mesmo se vos parece que não conseguem fazer nada.

[...] Eu, pelo contrário, penso que podem fazer muitíssimo, [...] distribuindo às mãos cheias [...] o amor ao irmão. Amor ao irmão que quer dizer a todos, não só aos vossos companheiros de escola, aos adolescentes como vocês, não só aos jovens que encontram, mas também ao pai, à mãe, que podem estar com dificuldades neste momento, que já não conseguem estar de acordo entre eles porque as dificuldades os tornaram um bocadinho ásperos um para com o outro, ou até mesmo que não sabem como fazer para vos darem o que vocês precisam para continuar os estudos.

[...] E depois aos professores que já não sabem como vos transmitir as ideias certas. E depois a todos, a todos, porque vocês estão na Obra e fazem parte desta Obra. Queria sublinhar-vos e confiar-vos isto. E foi precisamente este o motivo pelo qual eu quis vir! Porque pensei: aos focolarinos



e focolarinas, eu fui. Quando vierem os gen2 e as gen2 das Unidades arco-íris, vou. E os gen3 não são Obra? Como é que eu não vou? (Aplausos)

Também neste projeto... claro que o projeto [Homem Mundo1] é vosso, são vocês que o desenvolvem, mas vocês são a Obra, portanto o projeto é nosso, não é só vosso e desenvolvemo-lo juntos. E vocês devem sentir esta realidade em corpo com todos. Portanto sintam-se seguros porque não estão sós. E devem abrir-se quando tiverem



dificuldades. Peçam ajuda quando precisarem de ajuda. Sintam este vínculo de verdadeira unidade com toda a Obra, tanto aqui no Centro, como já fazem, como também nas zonas. Era sobretudo isto que vos queria dizer. E depois também este amor concreto também para com os pobres, para com todos. Que a cultura do dar que vocês aprofundaram esteja sempre viva. Contaram-me uma história, que contava D. Acácio, Bispo do Brasil que muitos de vós conheceram – ele dizia – [...] que havia [...] uma família numerosa com

1 Emmaus si riferisce alla presentazione del Progetto Uomo-Mondo, di cui parleremo prossimamente [ndr]

muitos filhos [...], e um dia Jesus lhes tinha dito: esta noite vou jantar a vossa casa, se quiserem". E então eles... podem imaginar! Vem Jesus jantar connosco! Prepararam a mesa o melhor possível, colocaram as coisas melhores que tinham, para fazer este jantar para Jesus. Depois, desde manhã ficaram à espera de Jesus procurando estar no amor.

Bateram à porta. Um pobre entra e pergunta, "Têm alguma coisa para me dar?". "Guardámos tudo para Jesus, mas podemos tirar o doce, é igual se não houver doce".

Deram o doce. Logo a seguir veio um outro pobre: "Têm alguma coisa para me dar?" "O que fazemos? E deram uma outra coisa do jantar.

Depois uma outra coisa, e depois uma outra... Quando chegou a hora em que ia chegar Jesus, a mesa estava vazia: só estava a toalha, os pratos, mas não havia nada para comer.

Estavam um pouco aflitos por se apresentarem assim diante de Jesus.

Quando chegou o momento, Jesus bateu à porta e receberam-no e disseram: "Temos mesmo pena, mas sabes que já não temos mais nada!". Então Jesus disse: "mas eu vim agradecer-vos!" Perceberam? Jesus estava em todos aqueles que tinham ido pedir qualquer coisa, portanto foi agradecer-lhes porque eles tinham dado.

Portanto vamos daqui com este coração dilatado sobre todos, aberto.

Depois, quanto mais aberto a todos, mais se construírá também entre vocês: construírá a realidade da unidade arco-íris, construírá a realidade da unidade, mas com esta abertura, sem estarem preocupados só convosco.

Está bem? [...]»

Nos dias a seguir ao congresso fizeram-se duas Escolas gen3 em Loppiano e um encontro com os gen3 de algumas zonas que iam realizar os seus Congressos.

Gens

«Sim a Jesus no irmão»

De 16 nações, uma experiência da família da Obra

«Hoje pareceu-me ter o meu coração como o de Santa Isabel quando Maria a saudou: Deus tornou-se presente e saudou-me pessoalmente nos meus irmãos». Foi assim que se expressou um dos participantes no Congresso das Unidades gens (Castel Gandolfo 27-30 dezembro).

Éramos 47, de 16 nações da Europa e dos Continentes.

A temática de fundo era o amor ao irmão, mas depois, diariamente, havia um tema específico: aprofundar a vocação gens, olhar para fora – para o mundo unido -, a nossa inserção na Obra.

A coroar todos estes dias foi a visita da Emmaus, que depois de ter falado aos gen e às gen, veio à sala onde estávamos para nos dar aquilo que tinha no coração: viver para o «*Ut Omnes*» e pedir em unidade a graça da paz, com o *Time-out*.

De facto, assim como aos gen, convidou-nos a ser família entre nós todos: «Uma coisa só entre os ramos da Obra, entre as gerações da Obra».

Depois acrescentou: «*Os gens devem crescer como gens, [...] mas serem geração nova; a primeira parte é geração nova, depois sacerdotal para toda a Igreja.*»



E a Igreja é para a humanidade, portanto os gens juntamente com os gen são para a humanidade».

Isto deu-nos um fôlego e um impulso novo para vivermos juntos como Obra.

As palavras da Emmaus foram concretizadas imediatamente - entre gens e gen – nos momentos vividos juntos, como a Eucaristia, a apresentação do «United World Project» (Uwp), as refeições e a adoração à Eucaristia.

O Uwp suscitou muito interesse e o desejo de aderir. Disse um gens da Eslovénia: «Gostamos de poder dar a conhecer a experiência que estamos a viver com os sem-abrigo da minha cidade».

O momento mais alto foi o Pacto, que depois cada um assinou por detrás de uma imagem de Jesus Abandonado: «Nós, gens, empenhamo-nos a viver uma vida mais evangélica amando Jesus Abandonado, de modo que Jesus no meio reine nos seminários, em todo o lado. Ficamos ligados através do *time-out*, para pedir a paz, e através dos média para reavivar a unidade entre nós».

O clima de família que se criou desde o início produziu numerosos frutos, entre os quais: a alegria, a descoberta do amor a Jesus no irmão, a decisão de ir fazer a escola sacerdotal em Loppiano. Todos aprofundaram a vocação a ser gens e muitos voltaram a escolhê-la como própria.

Alexander Duno





Jovens Religiosas «Deus trabalha sempre»

Uma experiência de família na Cidadela de Loppiano

Uma casa, uma família... o mundo! Estas as palavras para descrever o que significaram os dias vividos em Loppiano de 29 de dezembro a 2 de janeiro de 2013, para as jovens religiosas que participaram no curso sobre a Nova Evangelização e a vida de comunicação.

As religiosas eram de sete institutos e cinco nacionalidades, todas jovens e quase todas no primeiro encontro com o Movimento.

Deu-se, portanto, espaço à apresentação da espiritualidade da unidade e da figura de Chiara.

A Nova Evangelização, o Amor ao irmão e sobretudo Jesus Abandonado: a chave, o segredo, a pérola preciosa foram os pontos salientes para construir a unidade.

Foi precioso, o testemunho de Renata Borlone, apresentado por uma focolarina que a conheceu directamente.

A participação nalguns momentos simples e fraternos de vida quotidiana da Cidadela, como por exemplo a caça ao tesouro com 400 jovens, na espera do fim-de-ano, fê-las sentir parte de uma única família.

Algumas impressões escritas na mensagem para a Emmaus, no fim do encontro: «... Estamos felicíssimas por ter encontrado nestes dias o Tesouro. Gratas e estupefactas pelo grande amor que Deus demonstrou a cada uma.

Sentimo-nos em casa.

Encontrámos na vida da cidadela de Loppiano a realização da autêntica vida cristã e queremos ao mesmo tempo levar o Ideal de Chiara a muitos.

“Deus trabalha sempre” diz a placa de entrada no Pólo, e nestes dias experimentámo-lo verdadeiramente! Também a “Theotókos, a igreja-santuário de Loppiano, nos falou de Deus Beleza e sentimo-nos dentro do coração de Maria, na Sua Obra.

Obrigada Emmaus, pela vida destes dias.

Queremos ficar unidas no Pacto para viver em unidade, mesmo à distância, e ser estrelas da Nova Evangelização também nas nossas comunidades e famílias religiosas».

Partiram prontas a partilhar imediatamente, com quem passa ao lado, esta força que une.

Ir. Carla Casadei

Famílias Novas Ciência e relações afetivas

Um seminário sobre temas
prementes, cujo centro
é a pessoa humana

Porquê tanto alarido sobre o direito ao matrimónio das pessoas homossexuais e sobre a adoção por casais gay? Como acompanhar o desenvolvimento da identidade sexual das crianças e adolescentes?

E quando existem problemas de esterilidade, pode-se pensar no filho como um direito? Ainda faz sentido apoiar a inviolabilidade da vida humana por nascer? Se é positiva a

gagem de competências profissionais e experiências formativas em campos de interesse para a família. Partindo dos fundamentos da visão antropológica cristã sobre a sexualidade humana, os trabalhos puseram em relevo o seu significado e o seu valor, focando em seguida temáticas como a procriação responsável, a esterilidade, a homossexualidade e o *gender*, sob o aspeto científico, psicopedagógico e ético.

Com a colaboração de relatores altamente qualificados, todos do Movimento (Elena Giacchi, Dino Moltisanti, Andrea Virdis, Rino e Rita Ventriglia, Pinella Macciotta, Raffaella Cardinali, Daniela Cefaloni, Alessandro Partini) aprofundaram-se também as motivações que estão na base de correntes culturais que atingem atualmente a vivência das pessoas e das famílias do mundo inteiro, levando a mudanças profundas nos relacionamentos interpessoais, parentais e familiares.

Em seguida houve espaços de reflexão e diálogo, com a partilha de ideias e experiências formativas de todos os participantes, vindos de várias áreas culturais: das Filipinas aos E.U.A., da Europa oriental e ocidental ao Médio Oriente e à África.

Na escuta recíproca, também a diversidade de sensibilidades e experiências foram uma oportunidade de enriquecimento, dando a todos uma maior consciência de quanto o carisma da unidade pode contribuir para o desenvolvimento de uma cultura da família realmente ao serviço da pessoa, na sua vocação ao amor.

Letizia Magri

igualdade entre homem e mulher, pode-se afirmar que qualquer diferença «de género» seja uma imposição cultural?

Quais as motivações racionais para educar os nossos filhos sobre estes temas?

Estas são algumas das perguntas que levaram 130 pessoas e casais do Movimento Famílias Novas, de mais de vinte nacionalidades, a dedicarem-se a aprofundar estes assuntos, num seminário de quatro dias – inserido num projeto formativo trienal sobre temas da família – realizado no Centro Mariapolis de Castel Gandolfo, de 10 a 13 de janeiro.

Cada participante trouxe uma ba-



Com os jovens de Taizé

Houve um grande número de famílias dos Focolares que abriram as portas à «Peregrinação da confiança», de 28 de dezembro a 2 de janeiro, em Roma



«Avança pela tua estrada, porque ela só existe enquanto caminhas» um lema, um *leit motiv* na base da 35ª edição europeia da Peregrinação da Confiança, organizada pela comunidade de Taizé. Um encontro anual cujos protagonistas são numerosos jovens de diversas Igrejas. Desta vez quem acolheu os quarenta mil, provenientes de todos os Países da Europa e não só, foi Roma.

Cinco dias intensos de oração e encontros. Com efeito, a «Peregrinação da confiança» – explica alguns jovens – é, antes de tudo, um encontro com Cristo ressuscitado e com os outros. Graças à oração comum, cada um torna-se disponível para Deus. E, através da partilha e da hospitalidade, todos aceitam superar as fronteiras e as diferenças para se aceitarem e enriquecerem-se assim uns com os outros».

Famílias, paróquias, institutos religiosos, e a Câmara, responderam ao apelo lançado também pelo

Papa, quando, devido ao aumento inesperado de adesões, a 15 dias do início do encontro faltavam ainda 10 mil lugares. Um S.O.S. com os outros Movimentos de «Juntos pela Europa»: cada um fez o possível para receber da melhor forma os jovens peregrinos.

Entre as muitas famílias dos Focolares de Roma que aceitaram o desafio, estava um casal de voluntários já idosos. A Giovanna conta: «Uma manhã, antes do Natal, à saída da igreja encontrámos duas amigas da paróquia que faziam parte da organização do encontro de jovens de Taizé. Estavam desesperadas porque a paróquia devia hospedar mais 140 jovens. Carlo, o meu marido, lembrou-se que podia falar com a superiora das Irmãs Hospitaleiras (tinham de fazer obras na casa e por isso tinham dito que não

podiam receber os jovens).

Pouco tempo depois recebe a resposta: podem receber dez pessoas. Era pouco, mas melhor do que nada. Mas, no dia da chegada dos jovens, as Irmãs Hospitaleiras acolheram 100!

Com os dois polacos que recebemos em casa foi



difícil, no início, compreendermo-nos. Utilizávamos o dicionário deles, mas depois o amor faz milagres e abre os horizontes. Descobrimos que podíamos "falar" graças à internet: eles escreviam em polaco e nós líamos a tradução em italiano. Quando se foram embora, com eles foi também um pedacinho do nosso coração».

ao cuidado de Gianna Sibelli

Pela unidade dos cristãos Uma semana e mais...

Em Malta um «pensamento» para
caminhar dia a dia

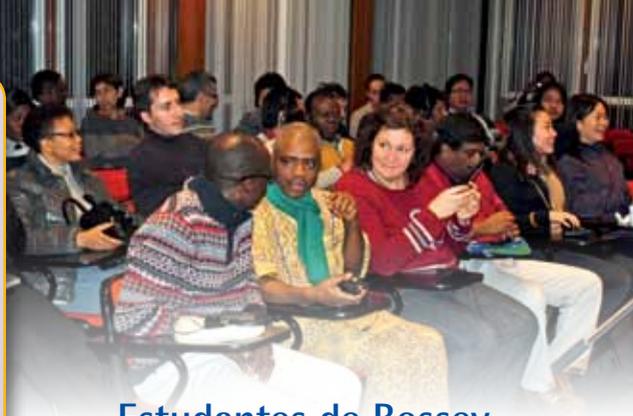
Em Malta, onde sou a responsável pelo ecumenismo da Obra na região, preparei o pensamento do dia que era transmitido na Radio Maria durante todo o mês de janeiro de 2013, mês no qual se celebra a Semana pela unidade dos cristãos. Todas as manhãs reflectíamos sobre um trecho da encíclica «Ut Unum Sint», seguida por um pensamento de Chiara Lubich retirado do tema sobre a arte de amar ou dos seus discursos sobre o ecumenismo.

O programa na radio faz parte do trabalho de formação e abertura ao ecumenismo que a Comissão ecuménica diocesana de Malta, da qual faço parte, está a desenvolver neste Ano da Fé.

Vários amigos disseram-me que tinham achado as reflexões muito instrutivas, impulsionando-os para o diálogo ecuménico, e dando a conhecer melhor o pensamento e a vida de Chiara. Também o diretor da estação de rádio disse que as reflexões provocaram entusiasmo pelo ecumenismo e pediu o texto para o publicar como um opúsculo.

Assim o diálogo ecuménico vai-se difundindo mais amplamente também através dos meios de comunicação.

Anna Caruana Colombo



Estudantes de Bossey

«Um elo que continua»

No Centro da Obra, para conhecer o
Movimento dos Focolares

28 estudantes do Instituto Ecuménico de Bossey (ligado ao Conselho Ecuménico das Igrejas, em Genebra) visitaram o Centro da Obra em 24 de janeiro, acompanhados pelo diretor, reverendo Ioan Sauca, por três professores e pelo rev.

Luis Melo, do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos. Eram de seis nacionalidades e de quatro Continentes. Estavam representadas 23 Igrejas. Estavam em Roma a convite do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos, que todos os anos oferece uma semana aos estudantes, para conhecerem a Igreja católica. No Centro «Uno» foi-nos pedido que déssemos a conhecer o Movimento dos Focolares. O programa foi desenvolvido em conjunto com pessoas da Mariápolis romana e suscitou impressões muito fortes: «Sempre pensei que a Igreja católica fosse uma instituição, um aparato imóvel. Hoje, com as vossas experiências, mudaram completamente esta minha impressão». Uma pastora da Igreja do Norte da Índia expressou a gratidão pela esperança que damos ao mundo tão cheio de conflitos. Um pastor da Zâmbia: «As vossas experiências fizeram-me ver Deus». Um pastor da Church of Nigeria: «Não ouvimos discursos



teológicos, mas como se pode viver o amor do Evangelho!». Um professor, sacerdote católico, visivelmente contente: «Foi um marco para a vida».

O reverendo Sauca, que tinha recebido Chiara em Bossey, em outubro de 2002, na conclusão deu este testemunho: «Já há muito tempo que existe um elo de ligação entre Bossey e o Movimento dos Focolares. Chiara Lubich veio visitar-nos oferecendo-nos a sua experiência espiritual. [...] Os focolares sublinham o ecumenismo da vida, e não o ecumenismo dos livros.

Insistem na vida espiritual em comunidade e nisto estão na vanguarda do Movimento ecuménico. [...] Chiara estava plenamente inserida na Igreja católica, mas não tinha receio em ver a sua vida ecuménica expressa em amor... O amor que estão a promover não é o vosso amor, é o amor de Deus! E o amor de Deus vencerá».

Ao despedir-se de nós, disse que estava muito contente porque viu que o espírito de Chiara está vivo!

Maria Wienken

Em Mendoza «Uma ajuda pela paz»

Quinta edição do festival pela paz, promovido pelos gen e pelos Jovens para um Mundo Unido

«Uma ajuda pela paz», foi o título da iniciativa artística promovida pelos gen e pelos Jovens para um mundo unido de Mendoza.

O objetivo? Transmitir a paz como um valor fundamental para a nossa sociedade.



Desta vez o evento, que já vai na quinta edição, decorreu a 18 de dezembro no Pavilhão Desportivo e viu exibirem-se no palco 10 bandas. Faziam parte do projeto uma mostra de fotografia, um *atelier* de pintura para crianças, e um workshop de tecelagem para raparigas. À noite, participaram no festival pela paz mais de três

mil pessoas. Foi formidável a experiência entre as bandas, com o público e com as instituições municipais.

Os jovens sentiram-se protagonistas, experimentando que os seus ideais podem proporcionar um espaço de felicidade para outros jovens. Um espaço onde conta mais o outro, onde conta mais construir aquela paz que nasce dos pequenos gestos: como emprestar um instrumento, ou não ir dormir enquanto não se terminasse de fazer o cenário, ou ficar até tarde para desmontar tudo, ou praticamente não participar no evento para estar a preparar os lanches para os artistas...

Agora esperamos a sexta edição: uma outra oportunidade «de paz».

*Diana Brunet,
Ako Poirer*



Em Varsóvia um São Nicolau diferente

É uma festa importante. Recebem-se presentes. Mas desta vez, os Jovens para um mundo unido decidiram ser eles a dar presentes.

Quem os recebeu foram os sem-abrigo e os que se encontravam pelas ruas de Varsóvia e, sobretudo, os que estavam pelas estações ferroviárias no dia 6 de dezembro, festa de São Nicolau. O estímulo que animou os gen e os seus amigos foi o tema do ano «o amor ao irmão». Foi por isso que decidiram lançar-se nesta iniciativa, de que já tinham sido os protagonistas no ano anterior, mas desta vez com mais entusiasmo e maior empenho.

«Foi uma experiência forte e profunda – escrevem. Começámos por enviar um email à comunidade para comunicar a nossa iniciativa e depois convidámo-los a aderir de várias formas ao nosso projeto, apoiando-nos com a oração, preparando juntos os biscoitos, as sandes... entregando-nos comida já



Uma iniciativa dos Jovens para um mundo unido dirigida aos sem-abrigo

pronta, para distribuímos no dia 6 de dezembro.

Em pouco tempo recolhemos mais de 150 euros e pudemos preparar 80 embrulhos com duas sandes de fiambre e queijo, duas tangerinas, um pacote de bolachas e umas luvas. Dividimo-nos em dois grupos de cinco pessoas, e fomos ter com os pobres com o intuito específico de encontrar Jesus no irmão.

Atravessámos a cidade toda com um olhar diferente. Que alegria encontrar estes irmãos: às vezes eram pessoas sós, outras estavam em pequenos grupos. A reação foi sempre a mesma: uma surpresa, alguns ficavam sem palavras, olhavam-nos de boca aberta e depois faziam-nos um bonito sorriso.

Depois de termos ca-

minhado durante três horas atravessando Varsóvia, ainda faltava entregar três embrulhos. Estávamos congelados e tivemos a tentação de ficar por ali e voltar depressa para casa. Mas na alma uma forte convicção: amar até ao fim, procurando três pessoas a quem dar os presentes preparados para Jesus. Já eram 19.30. Entrámos numa igreja próxima e juntos pedimos a Jesus: "Queremos encontrar ainda hoje três pessoas, dois homens e uma senhora (tínhamos dois presentes com luvas de homem e um com luvas de senhora)".

Pouco tempo depois saímos e vimos uma senhora com uma caixa na mão, a pedir esmola. Aproximámo-nos dizendo-lhe que não tínhamos dinheiro, mas sim um embrulhinho para ela, pela festa de São Nicolau. Surpreendida, sorrindo agradeceu-nos. Perguntámo-lhe se conhecia alguém que gostasse de receber o nosso pequeno presente e ela disse: "Sim, tenho dois amigos".

Os Jovens para um mundo unido de Varsóvia

Publicamos os telegramas da Emmaus sobre os últimos três focolarinos que partiram para a Mariápolis celeste

Pino Quartana

Testemunha e artífice, com Chiara, no crescimento da Obra

No dia 30 de dezembro, no dia da Sagrada família, pouco depois das 6 horas, Pino voou para o Paraíso.

Com ele estava Mariele, a quem Pino tinha pedido para ficar ali durante a noite, e também o filho Luca com a sua mulher Donata e os seus três filhos, que nesses últimos dias estiveram sempre com Pino.

Que posso dizer de um focolarino como ele? Basta pensar que no ano de 1967 Chiara lhe pediu para se mudar, juntamente com Mariele e o seu filho, ainda muito pequeno, de Milão para o Centro da Obra, para seguir o Movimento Famílias Novas, que tinha acabado de nascer.

Desde aquele momento Pino e Mariele foram testemunhas e artífices no crescimento da Obra. Em 1982, Chiara confiou-lhes a responsabilidade de Humanidade Nova e, em 2008, Pino passou a fazer parte do Centro Igino Giordani e Mariele do Centro Chiara Lubich.

Para ele, professor de Filosofia no Instituto «Cardinal Ferrari», de Milão, desde sempre atraído por uma vida radicalmente empenhada, o encontro com o Ideal, em dezembro de 1957, foi a resposta, a realização da sua grande procura.

Dois anos depois, no Natal de 1959, pediu a Chiara para passar a fazer parte do grupo de focolarinos casados. Traz assim para o Movimento muitíssimos frutos do seu apostolado, sobretudo entre os alunos do liceu onde dava aulas.

Em janeiro de 1963, numa carta a Chiara escreveu: «...sinto que, se quero ser como Deus me pensou na minha vocação, tenho que fazer loucuras por Jesus no meio, e ser todo



de Jesus Abandonado. No fundo, para nós casados, são ainda os “primeiros tempos” e, se queremos que outros encontrem esta estrada, devemos “dar tudo” de nós, como fizeram vocês, focolarinas.

E a sua foi uma vida de «loucuras», até aos últimos dias em que, doente, se concluiu a sua «santa viagem».

Escreveu-me no dia 9 de maio do ano passado: «estou a ir para o hospital para uma consulta que pode ser decisiva. Tenho uma grande alegria no coração, que está cheio de gratidão por este encontro com o Esposo. Não sei com que rosto luminoso se apresentará, mas estou curioso por descobrir. Mas sei que é Ele. Sinto-me plenamente Obra de Maria e espero que também neste Seu pequeno toque, eu O possa servir».

A todos os que o iam visitar, Pino falava da grande paz que sentia no coração. Também fui saudá-lo poucos dias antes e, como muita gente, senti-me acolhida por um forte clima sobrenatural, de Ressurreição, testemunhado pela sua unidade com Mariele.

Juntamente com a sua família, rezemos por Pino, agradecendo a Deus pelo tesouro que foi a sua vida para todo o Movimento.

Para ver o perfil completo de Pino consultar páginas 4 a 6 em:
www.focolare.org/notiziariomariapoli,

Sigrid Maria Scheer

O ecumenismo da vida, a sua experiência diária

Sigrid, focolarina do centro zona de Ottmaring, completou a sua «santa viagem» no dia 1 de janeiro, festa de Maria Theotókos. Em maio completaria 80 anos.

Natural de uma cidadezinha alemã, quando era ainda pequena, Sigrid passou pela dolorosa experiência da guerra. Poucos anos depois da morte da mãe, com apenas com 17 anos, tornou-se responsável pela família: o pai e dois irmãos. Mesmo assim, conseguiu um diploma em teologia e catequese e depois trabalhou, com paixão, durante 20 anos como professora.

Em 1959 conheceu o Ideal, tendo ficado logo atraída. Frequentando o focolar, senti o chamamento a seguir Deus, que só pôde realizar quando o pai, de quem cuidou até ao fim, partiu para o Céu. Depois da pré-escola em Colónia, foi para a Escola de Loppiano.

A sua primeira etapa no focolar, em 1969, foi no recém-criado Centro Ecuménico de Ottmaring. Foi depois para Berlim e de seguida para o Centro, para as Igrejas Orientais de Regensburg. Neste Instituto, onde permaneceu durante 19 anos, Sigrid dedicou-se à restauração do velho edifício, confiando unicamente na Providência. Dava aulas de alemão a bolseiros da Europa de Leste, mas sobretudo criava família entre todos, ajudando a experimentar o ecumenismo na vida diária. Muitos deles tornaram-se entretanto Arquimandritas ou Metropolitanos da Igreja Ortodoxa e mantiveram uma relação pessoal com ela e, mesmo depois de tantos anos, recordam-na com estima e afeto.



Sigrid participava em numerosas viagens promovidas pelo Instituto de Regensburg. Em 1993, depois de uma destas viagens à Índia, onde foram convidados a transmitir a espiritualidade da unidade à “Convenção” da Igreja Siro-ortodoxa do Kerala, com milhares de participantes, escreveu a Chiara: «A experiência fez-me compreender muitas coisas de um modo novo... Experimentei novamente a universalidade do teu Carisma, o efeito do Ideal de que aquele povo tem tanta sede».

São muitos aqueles que dizem que devem a Sigrid a descoberta ou redescoberta da própria vocação. E quem a conhecia há muitos anos, sublinha a sua coerência: amava com factos, pondo à disposição todos os seus talentos. Tinha também uma grande humildade, uma enorme capacidade de dar espaço ao outro, quer quando era responsável de focolar, quer quando já não era. Era esta

humildade que ajudava a ter Jesus no meio. Numa carta escrita em 1991, confiava a Chiara um período de particular união com Deus: «Este *Collegamento* – parece-me – foi transmitido só para mim... Com “És Tu Senhor, o meu único bem” estou “em casa”. Nos momentos em que o recorde, tenho a sensação de parar um momento na casa do Pai, de aquecer-me num segundo, de arranjar aí forças,

paz, luz... obrigada, mãe nossa, porque sabes ler nos nossos corações e perceber o que precisamos nos vários períodos da vida».

Em maio de 2012, foi-lhe diagnosticado um tumor no cérebro. Sigrid deu-me imediatamente conhecimento da sua situação, e também que o seu irmão estava muito doente. Consciente de que iniciava a última etapa da «santa viagem», renovou o seu «cheque em branco» e, sem hesitação, com o seu «sim»

a Jesus Abandonado continuou a oferecer tudo pela Obra e pelo avanço do «*Ut omnes*».

Durante a doença viveu sempre apoiada pelo «corpo de Jesus no meio», enfrentando a perda das forças, da autonomia, das faculdades físicas e mentais. Parecia que se tornava um outro Jesus Abandonado e, ao mesmo tempo, irradiava paz, amor, paciência heróica.

Giovanni Bernasconi

«... e a vida era a luz dos homens»»

No passado dia 8 de janeiro, Giovanni, focolarino casado suíço, chegou à casa do Pai. Tinha 55 anos.

Desde jovem que era muito ativo na paróquia, como animador de campos de férias e de encontros semanais para crianças. Conheceu o Ideal em 1975, num concerto do conjunto gen de Milão, tendo ficado fascinado. Empenhou-se de imediato na vida gen, com a radicalidade que sempre o distinguiu, e levou o seu irmão Carlo, que depois entrou no focolar. Deu a conhecer o Movimento a muita gente na Suíça italiana.

Em 1982 casou-se com Monica. Desde o início, a espiritualidade da unidade foi a base do relacionamento deles. Foi também luz e guia nos momentos mais difíceis. Tiveram duas filhas, que também vivem o Ideal. A segunda, que é deficiente, foi recebida como uma «prenda».

Giovanni dizia muitas vezes: «Sinto que a Benedetta é como um instrumento de Deus que nos chama ao essencial, que é Jesus Abandonado... dou-me conta que Deus me leva a sério e me dá a possibilidade de dar tudo pela unidade». Nesta nova e empenhada etapa, juntamente com Monica, pediu para a sua família, uma Palavra de Vida a Chiara, que escolheu para eles: «Deus ama quem dá com alegria» (2

Ao fim de dois dias em coma, atormentados por dificuldades respiratórias, abriu ainda uma vez os olhos e, olhando para longe com o rosto radiante, partiu para a Outra vida.

«Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo, arrependei-vos e acreditai no Evangelho (Mc 1,15), foi a Palavra de Vida que Chiara lhe tinha dado..

Cor 9,7). Nessa altura amadureceu em Giovanni a vocação ao focolar.

Professor na Escola Secundária, sentia que no carisma está a resposta às perguntas dos homens de hoje. A sua vida foi gasta a consolar e a aconselhar, a propor ações de solidariedade e a procurar cuidar de situações familiares dolorosas, mas sobretudo a procurar ser, em toda a parte, construtor da unidade.

No focolar era aberto e estava sempre disposto a dar tudo por Jesus no meio. O seu amor, forte e delicado ao mesmo tempo, deu um importante impulso à vida de apostolado em toda a região e muita gente experimentou a sua fidelidade em manter os relacionamentos. Durante muitos anos foi responsável pelos Jovens para o Mundo Unido. Nunca se contentou com meias medidas e dos seus escritos transparece o querer «caminhar juntos» e o preferir o Único Bem.

Em 1994, um período de doença provocou um impulso de qualidade na sua vida. Giovanni, sensível à voz de Deus, disse um novo «sim». Em 1997 escreveu a Chiara: «A descoberta da beleza do poder amar imediatamente deu-me asas e a chave do ser. Também eu, contigo, posso dizer: “amo, logo existo”».



Em 2010, ao anúncio do aparecimento de um tumor, seguiu-se a resposta generosa da sua alma, de seguir Deus neste novo caminho que se lhe apresentava. Desde aquele momento, a sua vida continuou com vários internamentos no hospital, mas nunca lhe faltou o sorriso e o amor de um focolarino que quer a felicidade dos outros.

Depois de um encontro no Centro, em 2011, reconfirmou-me o seu empenho: «Quero ser, com todos na Obra, uma daquelas pessoas que, porque desposaram Jesus Abandonado, são capazes de enxugar a água da tribulação em muitos corações...». E numa carta, do passado mês de Setembro, disse-me: «Tenho muita confiança no amor de Deus e estou muito grato por tudo quanto fez e faz por mim, mas a “caraterística” deste Deus é que me faz fazer uma experiência “comunitária”. Vivo inserido na Comunhão dos Santos onde me sinto um com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, mas também com toda a Mariápolis, triunfante, purgante e militante, e aí recebo tudo o que é necessário para ir em frente».

Nos últimos dias, todos os que entraram no seu quarto ficaram tocados pela atmosfera de paraíso que ali reinava.

Chiara tinha-lhe dado um nome novo: «Giovanni Maria» e uma Palavra de vida: «e a Vida era a luz dos homens» (Jo 1,4).

Primo José Burille

Um «homem do Evangelho»

Primo, de Porto Alegre (Brasil), deixou-nos no dia 23 de outubro do ano passado, com 91 anos. Casado com M. Teresa, tiveram seis filhos, e uma neta viveu sempre com eles. Professor, procurou sempre o bem e a sua sólida formação cristã sustentou-o nos momentos mais importantes da sua vida.

Em 1971 aconteceu o primeiro contacto com o Movimento. «Conhecer o Ideal foi o início de uma grande transformação – dizia Primo – “caí do cavalo”». Tornou-se logo voluntário e recebeu de Chiara a palavra de vida: «Corramos com perseverança a prova que nos é proposta, tendo os olhos postos em Jesus» (Heb 12,1-2). Foi um dos pioneiros na difusão do Ideal no sul do Brasil.

O Movimento era a sua família espiritual: com generosidade Primo ajudou na construção do Centro Mariápolis Arnold, nas atividades sociais dos Vicentinos e apoiou muita gente necessitada.

Era um apóstolo da unidade em todos os ambientes que frequentava. Foi, durante muitos anos, o maior promotor da revista Cidade Nova no sul do Brasil: com 90 anos, já com sinais da doença, fez 76 assinaturas. Mantinha com cada um dos assinantes uma relação pessoal através de colóquios, da Palavra de Vida e anotava o dia de aniversário ou interessava-se pela saúde deles e da sua família. A sua saudação final era sempre: «Tenhamos Jesus no meio». Tinha um amor singular pelos focolarinos. O seu testemunho de «homem do Evangelho» ultrapassou as fronteiras da sua vida quotidiana e da sua cidade. Por onde Primo passou deixou uma marca de luz, uma prova de amor verdadeiro.

Durante a doença dolorosa viveu uma experiência de união profunda com Deus, em unidade com os voluntários do seu núcleo e da zona, projetado a amar cada próximo com experiências surpreendentes. No hospital, numa noite em que não con-



seguia dormir, com dificuldade escreveu: «a dor queimou o passado e tudo o que não foi bom. Ficou apenas o essencial: Deus».

O seu funeral foi um «obrigado» dos familiares, dos amigos, dos seus companheiros de «santa viagem», bem como da sua paróquia e da sociedade civil.

Fernando Rossi

Doriana Stazio

O Ideal encarnado no social

«Uma senhora que deixou uma marca», foi assim que o jornal diário “La Nazione Arezzo” deu a notícia da comovida homenagem da cidade a Doriana, na catedral de Arezzo (zona de Florença), apinhada de centenas de pessoas, muitas das quais representantes de Instituições.

Com um carácter tenaz, extrovertido, generoso, Doriana levou sempre tudo a sério. Cada tarefa era por ela encarada com responsabilidade e dedicação total: tomava tudo sobre si, a fim de alcançar os elevados objetivos a que se propunha.

Quando, há cerca de 35 anos, Doriana encontrou a espiritualidade da unidade, deu uma reviravolta na sua vida. Pouco a pouco amadureceu nela a vocação de voluntária, tendo-a descoberto como o seu «vestido» na grande sensibilidade social que a fazia sentir seus os problemas e as dificuldades das pessoas que encontrava e a tomar medidas até as resolver, procurando e encontrando realmente a «luz» de Jesus no meio.

Pediui a Chiara uma Palavra para se inspirar, especialmente nos momentos mais difíceis que ocasionalmente se manifestavam na sua vida, e Chiara respondeu: «Mas eu, Senhor, confio em Ti!» [Sal 55 (54), 24].

Muito exigente consigo própria e com os outros, capaz de escutar e de dialogar, deu tudo para fazer crescer sempre mais humanamente a sua cidade, tecendo redes de relacionamentos quer a nível privado quer a nível público, desde

as pessoas com as quais entrava em contacto até aos funcionários dos serviços sociais, nos encontros casuais até às mesas redondas político-sociais.

Foi, durante muitos anos, presidente de “Avo” (Associação de voluntários dos hospitais) de Arezzo e foi uma das fundadoras da Associação «Família Junta», criada com o objetivo de promover uma cultura de acolhimento e de partilha entre famílias. Com Egidio, o marido, também ele voluntário, há 17 anos deixou a sua casa para se mudar para o Centro de Acolhimento de menores do Município.

Partiu no dia 27 de Julho, com 66 anos, depois de uma hemorragia imprevista que a colocou de um modo novo nos braços de Deus e de Maria e com uma docilidade sem luta, um desejo confiante - expresso com os seus grandes olhos - de se reunir Àquele em quem sempre acreditou fortemente.



Foram muitos os artigos publicados pelos jornais locais, nacionais, online, devido ao facto de ser uma figura pública. Apenas uma referên-

cia à alusão do Presidente da Câmara: «Todos perdemos uma mulher de excepcional valor. Doriana foi uma das raras pessoas que, com inteligência, humanidade e humildade, se dedicou aos outros. Não a um “outro” genérico mas às raparigas e rapazes com grandes dificuldades e em situações precárias. Não de modo esporádico, mas com constância e determinação. A Administração municipal tinha-lhe confiado o Centro de Acolhimento de Menores, uma estrutura que... representou e representa um “lugar de fronteira” de importância excepcional...»

Ver em www.focolare.org o artigo completo, publicado em La Nazione Arezzo.

Ide Manici

Charito R. Villegas Bautista

«O Paraíso aqui na Terra se se vive a Palavra»

Charito (Plena), voluntária de Cebù (Filipinas), conheceu o Ideal já com alguma idade, em 1970, e deixou-se conduzir pela luz de Deus-Amor. «Ver Jesus no outro» tornou-se o seu lema. Deu os primeiros passos na família, onde aprendeu a permanecer em silêncio e os relacionamentos deram um salto de qualidade: «Já não discutíamos porque me parecia que Jesus me dizia: "Não importa quem tem ou não razão, o que importa é que tu Me ames no teu marido». E também nos filhos. Charito tinha a característica de «mulher forte» do Evangelho e a relação com Deus tornava-a serena e sábia. Não deixava fugir as ocasiões de dar o seu «tesouro» e, quem se aproximava dela, ficava como que envolvido pelo amor de Deus. Assim, quando o filho, atingido por várias balas, se encontrou entre a vida e a morte, ela pediu-lhe para perdoar aos assaltantes porque: «Deus pode levar-te a qualquer momento», disse-lhe. Ele respondeu que sim. Milagrosamente, salvou-se e é agora um focolarino casado.

Muitas foram as obras de misericórdia operadas por Charito. Visitou na prisão dois ladrões que tinham roubado a sua casa e, quando descobriu que um deles sabia tocar, comprou-lhe uma viola. Os dois, por causa deste seu amor, encontraram Deus. Juntamente com o filho, deu início ao SINAG, um grupo de voluntariado de hospitais que, nos cuidados dos doentes necessitados, foi uma expressão concreta do amor de Deus. Seguidamente, iniciou-se uma nova etapa: um enfarte fê-la perder o equilíbrio. Em 2010 escreveu: «Tenho 81 anos e... posso testemunhar que as palavras do Evangelho



são verdadeiras (se as vivermos) e são a resposta a todos os "porquês" deste mundo. Permitiram-me desfrutar já aqui na Terra o Paraíso». Quando perdeu a voz, disse que Deus lhe tirou tudo o que era capaz de fazer ou que gostava de fazer porque devia ter somente Ele. Deixou-nos com 84 anos, no dia 10 de Agosto de 2012, permanecendo até ao fim fonte de alegria para todos. A luz que irradiava, confirmou o nome novo que Chiara lhe tinha dado: «Plena», cheia de Deus.

Delia (Ding) Dalisay

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: Hilda, mãe de **Timothy (Tim) King**, conselheiro para a Grande Zona da América do Norte e Oceânia; Maria, mãe de **Giuseppina (Ide) Manici**, delegada de zona em Florença; Toshihisa, pai de **Mariko Kurokawa**, delegada de zona no Japão; Godelieve, mãe de **Anz Plancke**, delegada de zona no Congo; Ludwig, pai de **Rita Stegmann**, conselheira no Centro Foco; Pio, irmão de **Alfonso Di Nicola**, focolarino na Mariápolis romana; Loly, mãe de **Ruben Parada**, focolarino no centro zona de Córdoba (Argentina); Noemi, irmã de **Norma e Guglielmo Curti**, focolarinos respetivamente na Mariápolis romana e na Mariápolis Lia (Argentina); Mildred, mãe de **Karen Kotara**, focolarina em Dallas (Usa); Ir. Renata, irmã de **Maria (Erica) Sciolla**, e Giuseppe, pai de **Paola Vanoli**, focolarinas na Mariápolis Romana; Antonio, pai de **Paolo Loriga**, focolarino em Roma; Gyula, pai de **Laszlo (Luce) Vizsolyi**, focolarino em Moscovo; Sara, mãe de **Naiela** e de **Rina Rana**, focolarinas na Jordânia; Andrés, pai de **Maria Del Carmen Caamano**, focolarina no Centro Mariápolis da Venezuela; Jorge Henrique, irmão de **Helena Ferraro Biasi**, focolarina no centro zona de Porto Alegre.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXX • Março de 2013 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Iris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 997** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

“Palavras Cruzadas” sobre o princípio da vida

No dia 25 de fevereiro, na Universidade Católica do Porto – Pólo da Asprela, fez-se mais uma edição do encontro Palavras Cruzadas – encontro promovido pelo Movimento dos Focolares e pela Pastoral Universitária do Porto e dirigido a todos os estudantes universitários. O objetivo é o cruzamento entre a vida, nos diferentes campos profissionais, e o Evangelho.

Desta vez com o título: “Projetos de vida: Considerações éticas sobre o princípio da vida”, estavam cerca de 50 pessoas, com a presença do Professor Doutor Walter Osswald, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e uma personalidade ilustre no campo da bioética (atualmente é conselheiro do Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa).

Num curto espaço de tempo, para a grande abrangência do tema, o Professor conseguiu expor as diferentes questões éticas passíveis de surgir nas diversas fases do desenvolvimento da vida humana desde a sua conceção, assim como os desafios que nos dias de hoje, com todo o avanço científico, temos vindo a presenciar.

Seguiu-se a intervenção de um casal que narrou a sua experiência de vida: o projeto que inicialmente idealizaram de constituir família e ter cinco filhos, as dificuldades com que se depararam

na gestação do terceiro filho, como se mantiveram fiéis aos seus princípios e àquilo em que acreditavam, e como acabaram por recorrer à adoção, de coração aberto a acolher quem quer que Deus tivesse pensado para eles.

Formaram-se grupos de trabalho onde a troca de ideias, a partilha de experiências e de formas de pensar, permitiram concretizar algumas questões que foram posteriormente colocadas aos oradores. Houve espaço para discordar, para ouvir e para acolher, num ambiente de liberdade de pensamento e de procura sincera da verdade. Foi um momento que continuou também no final do encontro entre os participantes. Uma ocasião para refletir...

As Palavras Cruzadas regressam no próximo dia 18 de março, às 21h15 no mesmo local.

